O ENGAJAMENTO DOS CORPOS NOS PERCURSOS URBANOS[1]

Thiago de Araújo Costa

Geógrafo e performer, mestre PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA, doutorando FAU-USP

Livro: "**Walkscapes**, o caminhar como prática estética"

Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013

Autor: Francesco Careri

PERCURSO COMO EXERCÍCIO EXPERIMENTAL

As ideias transportadas pelo livro *Walkscapes:* o caminhar como prática estética, de Francesco Careri,[2] convidam-nos a uma operação que transborda uma leitura banal de modo a propor a efetivação de um "percurso exploratório", com efeito, percorrer as páginas do livro e percorrer os territórios urbanos configuram duas imagens contíguas nesse caso. A dupla articulação entre a leitura e a errância assinalam uma espécie de metodologia experimental que fomenta a busca pela legibilidade de geografias intersticiais configurados como zonas nas quais a presença do corpo se coloca em jogo. *Walkscapes* nos oferece uma abordagem inventiva que escapa da arquitetura formal e sedimentária e alimenta o aprimoramento de metodologias e ferramentas que expandem o campo urbanístico.

Em sua abordagem, Careri toca em dimensões do meio geográfico que são singularizadas por elementos nômades e prenhes de vazio, um assunto bastante desafiador que é elaborado de maneira bastante particular. O tratamento impresso sobre essa temática delineia com o movimento próprio do caminhar pode ser decisivo a medida que investimos no reconhecimento de territórios que não se encerram em métricas rígidas. Pensando a relação entre a mobilidade dos corpos e formação geográfica, o estudo defende o valor dos percursos enquanto atos simbólicos que transformam efetivamente a paisagem.

Transcrevendo a vasta experiência de vagar pela cidade, o livro se inicia com uma tabela onde se agrupam, na primeira coluna, uma lista de diversos verbos, na segunda coluna, uma lista de substantivos (coisas e lugares) e, na terceira, outros verbos mais específicos e em menor número, como – por exemplo – "ir adiante", "orientar-se" e "perder-se". Segundo o autor, esta tabela "inclui uma série de ações que só recentemente começaram a fazer parte da história da arte, e que poderiam converter-se em um útil instrumento estético com o qual explorar e transformar os espaços nômades da cidade contemporânea". Esta tabela incita o leitor a traçar elos entre as palavras e perfazer um mapa verbal que faz indicar uma instigante habilidade de qualificação do espaço pela via da colagem de palavras, exercício que produz um pensamento sobre a enunciação das experiências espaciais mais cotidianas. Essa relação sensível entre discurso e experiência vai – como poderemos conferir mais adiante – subsidiar a aproximação de criações artísticas fortemente caracterizadas por teores geográficos.

Anteriormente, o ato de caminhar é trazido ao leitor pela via de uma abordagem arqueológica, contemplando algumas de suas raízes mais primitivas e conectando épocas em que os povos ocupavam-se do alinhamento de rochas sobre o solo para demarcar os caminhos e os cruzamentos dos caminhos percorridos. Estes rastros ancestrais conhecidos como *Menhirs* encontram-se inseridos num panorama dos efeitos dos percursos sobre o horizonte tectônico. Observando as imagens de tais rochas alinhadas pela intenção e pelo esforço humano a metáfora de uma bússola neolítica nos envolve os olhos.

ANTI-WALK, LAND-WALK E TRANSURBÂNCIAS

Walkspcapes utiliza imagens e citações paralelas que conformam uma espécie de glossário que atravessa o corpo do texto, por vezes, indicando pontos de fuga ou escapes. O livro está organizado em uma introdução, três capítulos e conclusão. Nestes três capítulos, o autor traça um panorama da ação de caminhar, investigando seu caráter de prática urbana ordinária e revelando sua relação com propostas das vanguardas artísticas europeias. O fascínio pelo movimento passa por Marcel Duchamp e análise do movimento na pintura "Nu descendo a escada" (1912), chegando até as deambulações dadaístas e à teoria da deriva situacionista que marcava o caminhar como uma manifestação da antiarte. Cabe notar nesta parte um detalhamento interessante, que tange a abundância de analogias do corpo que as vanguardas teceram: a cidade percebida como líquido amniótico pelo Movimento DADA, labirinto inconsciente e ébrio no Surrealismo, como um corpo adorme-

cido espelho da alienação capitalista aviltada pelo grupo Situacionista.

No capítulo subsequente, que se dedica ao papel do caminhar na *land-art* norte-americana, observando principalmente a trajetória de artistas como Richard Long, Walter de Maria, Bruce Nauman e Tony Smith, acompanhamos um profícuo debate sobre a confluência entre arte e arquitetura na segunda metade do século XX. Nesta passagem, em que obras de arte passam a se definir enquanto práticas espaciais, Careri insere o diagrama da expansão de campo que foi desenvolvido pela historiadora de arte norte-americana Rosalind Krauss.[3] Este diagrama é utilizado justamente para marcar a interface porosa entre processo artístico e paisagem urbana que ocorreu a partir da década de 1960. Na conclusão do livro, este mesmo diagrama é retomado e reconfigurado no sentido de fundamentar uma perspectiva na qual percurso, trajeto e caminhar surgem como campos autônomos no universo da arte contemporânea. O conceito de "transurbância" proposto por Careri introduz outro elemento no diagrama de expansão de campo, sugerindo uma estratégia investigativa, prática artística conceitual e, de certa maneira, um posicionamento ecológico e político. Talvez, na tentativa de tradução da transurbância, pudéssemos pensar num modo de produzir conhecimento enquanto se caminha pelas cidades, motivando experiências sensíveis que perpassam o estatuto da arte sem, contudo, ancorar-se nele.

TOPOGRAFIAS OU TOPOLOGIAS

Um dos pontos de fuga apontado pela leitura de *Walkscapes* nos leva ao encontro da proposição *Caminhando*, feita por Lygia Clark em 1964, pioneira no Brasil ao valorizar radicalmente o ato em detrimento da conservação de um objeto de arte. Num nível topológico, a proposição de Lygia Clark poderia agenciar um diálogo com *Walkscapes*, que também prefere concentrar-se em realidades efêmeras e moventes. A partir deste escape para a arte brasileira, *Caminhando* – uma fita de Moebius disposta para que seja cortada pelo público com o auxílio de uma tesoura - compõe em microescala uma metáfora precisa do ato de deslocar-se, ou ainda, de se deslocalizar, havendo aqui também uma potência nômade.

O estudo de Careri subsidia modos de experimentar artisticamente nossas cidades, engajando a corporeidade no devir do movimento, resistindo em nomadismos possíveis nos dias de hoje. A obra se disseminou especialmente entre artistas do corpo com os quais convivo, além de fazer parte da bibliografia de artistas plásticos e visuais que trabalham diretamente com arte pública. Walkscapes constitui, sobretudo, uma referência para podermos tecer uma genealogia para trabalhos de artistas contemporâneos como, por exemplo, a dupla de japoneses Mai Yamashita e Naoto Kobayashi – que caminham repetidas vezes sobre um gramado até cavar nele o desenho da fita de Moebieus,[4] – o artista de origem vietnamita exilado nos Estados Unidos Jun Ngunyen-Hatsushiba que desenvolve desde 2009 o projeto Breathing is Free: 12, 756.3[5] – no qual almeja percorrer o diâmetro do globo terrestre e discutir a condição geopolítica dos exilados –, ou ainda, o brasileiro Paulo Nazareth e seu projeto Notícias de América que o levou a realizar uma "residência em trânsito" pela América Central[6]. *Walkscapes* constitui um subsídio indispensável para a crítica de arte inte-

ressada em discutir trabalhos alinhados com estes três breves exemplos.

Poderíamos ainda perceber que o caminhar – a potência movida no corpo-andante – se mistura, neste livro, entre dois campos: ética e estética. Com esta leitura podemos compreender que a formação de núcleos urbanos sobre a superfície terrestre é codependente dos deslocamentos de seus habitantes e a configuração das cidades contemporâneas seria outra caso usássemos nosso corpo-andante de outro jeito: flanar, vagar, derivar, errar – motores para pensarmos além da arquitetura sedimentada, desviando-nos para perseguir a possibilidade de uma cidade performativa. Finalmente, diríamos que este livro que resenhamos alimenta um debate emergente, que tange a corporeidade urbana: instância que desfaz a ideia de corpo como categoria genérica e impõe a necessária apreensão das especificidades locais. O interesse por compreender a corporeidade específica dos sujeitos nômades move três interrogações: como trabalhar no interstício entre coreografia, *performance* e urbanismo? Como transformar os protocolos mecânicos do caminhar? Como profanar os percursos e produzir conhecimento nesse em movimento? Hoje, quando vemos tantas pessoas andando em círculos ou em linha reta a praticar seu *cooper*, percebemos quanto de potência existe no caminhar e quanto dela está sendo desperdiçada, quanto dela já encontra-se sacralizada e espetacularizada. Todavia, restam-nos escapes e linhas de fuga, nesse sentido *Walkscapes* constitui material precioso para aqueles que, como eu, são incapazes de caminhar sempre pelas mesmas rotas. ◪

NOTAS

1 Resenha publicada originalmente em COSTA, Thiago. O engajamento da corporalidade nos percursos urbanos. *Resenhas Online*, São Paulo, 08.091, Vitruvius, jul 2009. Texto revisado posteriormente em dezembro de 2012; a primeira versão tomou como referência a edição espanhola (bilíngue: espanhol/ inglês) publicada pelo Editorial Gustavo Gili – Coleção Land&Scape, em 2009 .

2 O autor, Francesco Careri (1966), é professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, coordenador do Laboratorio Arti Civiche e membro-fundador do laboratório Stalker, publicou também *Constant*: New Babylon una città nomade (Texto e Inmagine, 2001).

3 KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

4 Faço referência ao vídeo Infinity, 2006, 4:38 min.

5 Ver <www.breathingisfree.net>

6 Ver o blog do projeto: <http://www.latinamericanotice.blogspot.com.br/>